**ENDOMETRITE EM EGUAS REPRODUTORAS**

**Caroline Emanuelle Duarte1\*, Adriana Mara Doti Batista Lima1, Carolina Luciana Izabel1 ,Gabriela Grissi Cardoso Braga1, Pedro Augusto Freire de Sá Pontes 1 e Gabriel Almeida Dutra3.**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*caroline.duarte1993@gmail.com*

 *3Professor de Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A eqüinocultura é uma atividade que com os anos vai ficando mais difundida no Brasil. Para que se tenha êxito em produção de éguas é necessário que as matrizes tenham boa fertilidade e um adequado manejo nutricional. Várias causas podem diminuir o índice de fertilidade em éguas, a endometrite é a principal delas. A endometrite é muito comum em éguas, levando em muitos casos a infertilidade e elevadas perdas econômicas. A endometrite é o processo infeccioso que acomete o endométrio das éguas e pode ser causada por processos não específicos, isto é, não venéreos, ou por germes que se instalam em razão de sua transmissão venérea, isto é, pela cobertura com garanhões infectados ou que tiveram contato sexual recente com éguas que apresentam endometrite (THOMASSIAN, 2005).

É o processo inflamatório mais frequente no útero de diversas fêmeas domésticas, que interfere negativamente na eficiência reprodutiva dos rebanhos, aumentando não só a ocorrência de repetição de cio, como o intervalo entre partos (NASCIMENTO e SILVA, 2003).

**MATERIAL E MÉTODOS**

Os materiais utilizados para realizar o trabalho foram artigos científicos procurados na internet e livros referentes ao assunto, permitindo um embasamento comparativo para realizar uma revisão de literatura a respeito de endometrite em éguas.

Palavras chaves: endometrite,equina , infecção, útero.

**REVISÃO DE LITERATURA**

O útero da égua é mantido livre de contaminantes por meio de mecanismos físicos, imunológicos e de um sistema linfático funcional (MATTOS et al., 2003). Éguas com seus mecanismos de defesa local prejudicados desenvolvem endometrites persistentes, as quais podem resultar em falha na concepção ou morte embrionária precoce. A endometrite equina é considerada como a principal causa de subfertilidade e infertilidade em éguas, tendo um impacto econômico, uma vez que muitas éguas deixam de gerar potros anualmente. Esta subfertilidade é devido ao ambiente infectado dentro do útero que impossibilita o desenvolvimento do concepto (OLIVEIRA, 2006). Rebanhos com baixa taxa de fertilidade devem ser investigados por uma possível apresentação de infecções endometriais. As éguas afetadas podem ou não apresentar secreções vaginais dependendo do grau da infecção. O útero durante a infecção se apresenta com a parede espessa devido reações inflamatórias e em caso das afecções crônicas, pode eliminar uma secreção de coloração clara através da vagina. Os casos mais graves podem se caracterizar por descargas purulentas e geralmente inodoras (THOMASSIAN, 2005).As infecções inespecíficas são mais comumente causadas pelos Streptococcus zooepidermicus, Streptococcus equisimillis, Staphilococcus aureus e algumas espécies de Corynebacterium, alem de Cândida spp e Aspergyllus sp (OLIVEIRA, 2006).Os neutrófilos polimorfonucleares migram para o lúmen uterino em resposta à inflamação, então a endometrite é diagnosticada pelo exame de raspado uterino com escova ginecológica e esfregaço em lâmina de *vitro*. A amostra pode ser coletada com escova ginecológica, swab ou do líquido recuperado do útero. No esfregaço corado, pode-se observar células epiteliais do endométrio e em alguns casos células de defesa, principalmente neutrófilos polimorfonucleares (PMNs). Sendo assim, a endometrite é estabelecida baseada no número de PMNs encontrados nas lâminas. Mais de um PMN a cada 10 células

epiteliais é considerado como endometrite (RUA et al, 2016). Outros métodos de diagnóstico complementares realizados é a biópsia uterina e a ultrassonografia. A interpretação dos achados bacteriológicos associados com os achados citológicos importante, pois assegura que existe uma infecção em decorrência da presença de neutrófilos no exame citológico da cérvix e útero. Essa presença tem maior relevância que a identificação de bactérias, já que existe uma flora bacteriana normal nos tratos reprodutivos do garanhão e da égua (HAFEZ, et al, 2004).O tratamento da endometrite uterina consiste no lavado uterino com solução fisiológica morna das secreções ou restos placentários e utilização de antibióticos sistêmicos (Sulfato de gentamicina, penicilina) ou locais.O antibiótico utilizado vai depender da sensibilidade encontrada no antibiograma do agente cultivado no exame bacteriológico. Quando o processo inflamatório atingir somente as camadas mais superficiais do endométrio, somente a infusão intra-uterina é suficiente a endometrite não está associada a doenças sistêmicas. Atualmente, tem-se realizado infusões uterinas de plasma da própria égua, ou infusões de sangue total, que atuariam imunologicamente junto ao endométrio, produzindo a reversão do quadro clínico (tratamento “natural”, abrindo mão da utilização de antibióticos) (THOMASSIAN, 2005).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluímos que a endometrite equina pode causar vários prejuízos, por ser um processo inflamatório do útero, causando enfermidades e subfertilidades das éguas acometidas, pois esta doença deixa o útero inadequado para o desenvolvimento do feto, principalmente. Para prevenção, deve-se ter um manejo sanitário, cuidados rigorosos na hora da cobertura nas éguas, realizar exames na hora da compra de novos animais (machos e fêmeas) e periodicamente em todo rebanho, pois a égua infectada pode vir a se tornar infértil.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

****